

CONCEPÇÕES DE CULTURA

Certamente já nos perguntamos, ou fomos perguntados, sobre o que seja a cultura. Vivendo num país onde tanto se fala da variedade e da exuberância cultural que permeia de forma emblemática o nosso povo, é, no mínimo, esperado que tenhamos uma idéia concebida sobre o que venha a ser esse fenômeno tão expressivo e característico da nossa gente e de todos os povos da Terra.

O termo “cultura” surgiu em 1871 como síntese dos termos *Kultur* e *Civilization*. Este, termo francês que se referia às realizações materiais de um povo; aquele, termo alemão que simbolizava os aspectos espirituais de uma comunidade¹. Naquele ano, Edward Tylor sintetizou-os no termo inglês *Culture*. Com isso, Tylor abrange num só vocábulo todas as realizações humanas e afasta cada vez mais a idéia de cultura como uma disposição inata, perpetuada biologicamente.

Dessarte, o primeiro conceito etnográfico de cultura surgiu com Tylor, que a entendia como “*um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.*”² Como que complementando o conceito de Tylor, Jaques Turgot escreveu que o homem é possuidor de um tesouro de signos e que tem a faculdade de multiplicá-los infinitamente, de retê-los, de comunicá-los e transmiti-los aos descendentes como herança³.

Tylor entendia a cultura como um fenômeno natural, e como tal poderia ser analisado sistematicamente, visando a formulação de leis que explicassem sua gênese e transmissão. A diversidade cultural, por exemplo, era explicada por Tylor como resultado da desigualdade dos estágios evolutivos de cada sociedade. Assim, caberia à antropologia a tarefa de estabelecer uma escala civilizatória com dois extremos: um representado pelas sociedades européias; e o outro pelas comunidades periféricas, ficando claro o princípio evolucionista unilinear. Neste sentido, a antropologia daria o maior exemplo de etnocentrismo, institucionalizado pela própria ciência.

A reação ao evolucionismo de Tylor veio através de Franz Boas, com a publicação do seu artigo “The Limitation of the Comparative Method of Anthropology”, no qual atribui à antropologia as tarefas de reconstruir a história do povos e de comparar a vida social de diferentes povos, ensejando o particularismo histórico ou a chamada Escola Cultural Americana. É a partir de Boas, que a multilinearidade, e só com ela, é possível a aceitação do evolucionismo.

¹ Laraia, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Zahar. Rio de Janeiro, 1986, pg. 25

² Idem.

³ Idem.

Segundo David Schneider, “*Cultura é um sistema de símbolos e significados. (...)*”⁴. Para Max Weber, o homem é um animal que vive preso a uma teia de significados por ele mesmo criada⁵. Partindo desse raciocínio, Clifford Geertz sugere que essa teia e sua análise seja o que chamamos de cultura.

No trabalho de análise dessa teia, nos diz Geertz, a missão do antropólogo é desvendar esses significados, estabelecendo relações entre si, de forma a ensejar uma interpretação semiótica do objeto analisado. E uma boa interpretação só será possível, continua ele, através do estabelecimento dessas relações, da seleção de informantes, da transcrição de textos, do levantamento de genealogias, do mapeamento de campos etc., em suma, através de um levantamento etnográfico⁶. Ou, segundo a noção de Gilbert Ryle, de uma “*descrição densa*”. E fazer a etnografia do objeto, elaborar uma descrição densa, “*é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos...*”⁷; porém, o que interessa não é a interpretação e explicação dos fatos de forma isolada, e sim, a importância do conjunto, como ele está sendo vivido e transmitido, perpetuado pela adaptação de quem chega e se insere na urdidura dos significados, sejam eles julgados corretos, ridículos, inocentes, cruéis...

Segundo Geertz, a cultura não é nunca particular, mas sempre pública. Assim, entendo que os elementos que constituem as teias propostas por Weber, não têm criadores identificáveis. Os fatos inovadores nascem e evoluem numa reprodução espontânea e despercebida dos agentes culturais, e na maioria das vezes só percebidos na análise extrínseca de um agente alienígena.

Como um sistema de signos passíveis de interpretação – ressalta Geertz – *a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.*”⁸ Seguindo o raciocínio de Geertz, podemos refutar a idéia de Tylor, de que a cultura é um fenômeno natural, e inferir que ela seja um fenômeno social, cuja gênese, manutenção e transmissão estão a cargo dos atores sociais.

⁴ Laraia, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Zahar. Rio de Janeiro, 1986, pg. 63

⁵ Geertz, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Zahar. Rio de Janeiro, 1973, pg. 15

⁶ Idem.

⁷ Geertz, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Zahar. Rio de Janeiro, 1973, pg. 20

⁸ Geertz, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Zahar. Rio de Janeiro, 1973, pg. 24

Roque Laraia nos traz em seu livro *Cultura: um conceito antropológico*, algumas teorias modernas sobre cultura. E recorre ao esquema elaborado por Roger Keesing, que classifica novas tentativas de se obter uma precisão conceptual.

Numa reformulação do *sistema adaptativo* de Leslie White, nos diz Laraia, alguns antropólogos concordam que “*culturas são sistemas de padrões de comportamento que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. (...)*”⁹. Diz ainda que as Teorias Idealistas de Cultura, à qual se refere Roger Keesing, subdivide-se em três diferentes abordagens: 1) cultura com um *sistema cognitivo*. Neste sentido, diz Goodenough que “*cultura é um sistema de conhecimento; consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro de sua sociedade*”¹⁰; 2) cultura como *sistemas estruturais*, segundo a perspectiva de Claude Lévi-Strauss, que define cultura como “*um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana*”¹¹; 3) cultura como *sistemas simbólicos*. Esta é a posição defendida por Geertz e Schneider, onde a “*cultura deve ser considerada não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle(...) para governar o comportamento*. Geertz afirma ainda, que “*todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos de cultura.*”¹²

Como podemos observar entre as várias tentativas de definição de um conceito de cultura, as idéias, embora se diferenciem, não se contrapõem. As diferenças, ressaltando a idéia evolucionista unilinear de Tylor, não chegam a criar sérios problemas de interpretação e assimilação. Como diz Murdock, “*Os antropólogos sabem de fato o que é a cultura, mas divergem na maneira de exteriorizar este conhecimento.*”¹³

Mas, enfim, se me cabe o direito de defender, entre as tantas definições conceituais existentes, uma que julgo mais completa, o faço transcrevendo as palavras de Clifford Geertz, quando diz: “*O conceito de cultura que eu defendo, (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.*”¹⁴

Ricardo Honório

⁹ Laraia, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Zahar. Rio de Janeiro, 1986, pg. 59

¹⁰ Idem. pg. 61

¹¹ Idem.

¹² Idem. pg. 62

¹³ Idem. pg. 63

¹⁴ Geertz, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Zahar. Rio de Janeiro, 1973, pg. 15